

## A IGREJA CONFSSIONAL ALEMÃ E A “DISPUTA PELA IGREJA” (1933-1937)

*Franklin Ferreira\**

### RESUMO

No imaginário público, supõe-se que a ideologia nazista fosse completamente pagã e claramente anticristã. Mas Richard Steigmann-Gall, em sua obra *O Santo Reich*, evidencia o uso do discurso teológico liberal, gestado num contexto anti-semita, pelos principais líderes nazistas, especialmente no período de 1933-1937, quando estes tentaram assumir o controle (*Gleichschaltung*) da Federação Evangélica Alemã de Igrejas por meio da promoção do “cristianismo positivo” defendido pelos “cristãos alemães”. Em reação a tal intervenção totalitária na esfera eclesiástica, surgiu a Igreja Confessional (*Die bekennende Kirche*), o que gerou a “disputa pela igreja” (*Kirchenkampf*), durante a qual Martin Niemöller e Karl Barth tiveram papel preponderante. Dietrich Bonhoeffer também assumiu um papel central nestes eventos, atacando o anti-semitismo, preparando pregadores para a Igreja Confessional e, por fim, se envolvendo com a resistência militar ao nazismo. Este artigo também trata de dois documentos desta época, cruciais para o estudo das relações da Igreja com o Estado, “A existência teológica hoje” e a Declaração Teológica de Barmen.

### PALAVRAS-CHAVE

Nazismo; Liberalismo teológico; Dois Reinos; Neo-ortodoxia; Holocausto; Karl Barth; “A existência teológica hoje”; Declaração Teológica de Barmen; Dietrich Bonhoeffer; Operação Valquíria.

---

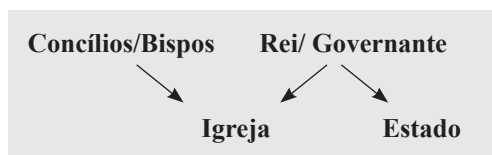
\* Ministro da Convenção Batista Brasileira, graduado em teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestre em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Integra a equipe pastoral da Igreja Batista Nações Unidas, em São Paulo, e coordena o projeto da Editora Fiel de publicação das obras de João Calvino.

## INTRODUÇÃO

Este ensaio situa a “disputa pela igreja” (*Kirchenkampf*) dentro do seu contexto histórico, no qual o nazismo assumiu uma linguagem religiosa dependente do protestantismo liberal do século 19. Em oposição a Richard Steigmann-Gall, visa argumentar que a reação de alguns destacados teólogos protestantes ligados ao movimento neo-ortodoxo foi uma confrontação tanto doutrinal quanto política, que culminou na expulsão, prisão e morte de alguns dos envolvidos nesse protesto. Esta proposição será afirmada por meio do exame do tratado *A existência teológica hoje*, do Sínodo de Barmen e, especialmente, do testemunho (*martyria*) de Dietrich Bonhoeffer. Para isto, concentraremos nossa atenção sobre os anos críticos da “disputa pela igreja” (1933-1937). Na avaliação final, entre outras questões, trataremos da pergunta: Por que, ao fim da década de 40, alguns dos destacados teólogos e pastores que estiveram na linha de frente da “disputa pela igreja” ou deixaram de ser relevantes no cenário intelectual europeu ou foram retirados de seu contexto e reinterpretados, sendo suplantados nas décadas seguintes pelo programa de desmitologização de Rudolf Bultmann e pela reinterpretação dos símbolos cristãos de Paul Tillich?

### 1. OS DOIS REINOS, LIBERALISMO TEOLÓGICO E TOTALITARISMO NAZISTA

Um tema teológico importante na tradição luterana é a doutrina dos dois reinos, aplicada à distinção entre a Igreja e o Estado. Caberia à Igreja, representada pelo altar, toda a ação evangélica, ou seja, a pregação da Palavra. E ao Estado, representado pelo trono, caberiam as questões políticas e sociais, cuja função principal é ser a “espada”, o juízo sobre o pecado. Essa posição é resumida como a afirmação de que o Estado, na pessoa do rei ou do governante, dirige a Igreja em alguns aspectos, sendo que, em outros, só a Igreja pode agir ou decidir. O gráfico abaixo esboça esta concepção:<sup>1</sup>

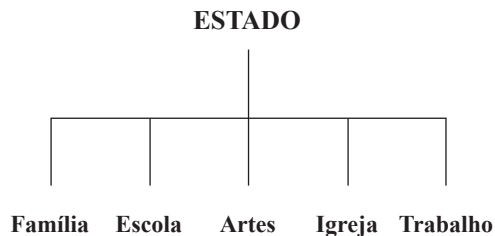


A relação do cristão com os poderes seculares limita-se à quietude de um “estar-em-mas-não-pertencer-ao” Estado, o que produziu entre os luteranos alemães um legado de subserviência às autoridades seculares. Isto se revelou

<sup>1</sup> Adaptado de WILLIAMS, Terri. *Cronologia da história eclesiástica*. São Paulo: Vida Nova, 1993, *passim*. Esta estrutura doutrinal é semi-erastiana, com a igreja sendo em um departamento da administração pública na Alemanha.

trágico num ambiente marcado pelo nacionalismo, culto da raça e dos heróis, anti-semitismo e obsessão militarista que dominou a Alemanha desde 1870 até o fim da Segunda Guerra Mundial.<sup>2</sup>

Pensando em termos de espectro político, o gráfico abaixo<sup>3</sup> ilustra as ênfases estatizantes e intervencionistas associadas com a esquerda, como no comunismo e no nazismo, o tipo de ideologia que a doutrina dos dois reinos não preparou os fiéis luteranos para enfrentar, na qual, a partir de certa concepção da transcendência do Estado ou do partido, se tem pouca ou nenhuma liberdade pessoal e nenhuma liberdade econômica nas várias esferas que compõem a sociedade.



O grande desafio da concepção luterana dos dois reinos se deu com a ascensão do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*). Após uma guinada política inesperada, Adolf Hitler ascendeu ao poder, quando o presidente Paul von Hindenburg tornou-o chanceler, em janeiro de 1933. E com a morte do presidente, em agosto de 1934, Hitler assumiu, com a aprovação do Parlamento (*Reichstag*), as funções de presidente e chanceler, passando a ser chamado de “guia” (*Führer*). Num plebiscito realizado nesse mesmo mês a fusão de cargos foi aprovada por 89,9% do eleitorado. Mas, ainda que esta ascensão tenha se dado pelas vias democráticas, logo a constituição foi modificada para que o partido nazista se tornasse a única autoridade na Alemanha.

Então, após a humilhação da derrota na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e num contexto que ainda experimentava os reflexos do fracasso dos experimentos social-democratas da República de Weimar, uma mudança espantosa ocorreu na Alemanha: (1) a economia foi restaurada em menos de cinco anos; (2) a vergonha da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial foi abrandada por meio da reivindicação da região da Renânia-Palatinado e o repúdio ao Tratado de Versalhes; (3) rearmamento das forças armadas alemãs, tornando-as em pouco

<sup>2</sup> Cf. DUCHROW, Ulrich. *Os dois reinos: uso e abuso de um conceito teológico luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. A Igreja Luterana da Noruega, em face da ocupação nazista a partir de abril de 1940 e que se estendeu até maio de 1945, enfatizou a tradição da resistência presente no pensamento de Lutero.

<sup>3</sup> JOHNSON, Greg. *O mundo de acordo com Deus*. São Paulo: Vida, 2006, p. 93.

tempo as mais modernas da Europa; (4) férias proporcionadas a milhões de alemães, por meio do programa “Força pela alegria” (*Kraft durch Freude*); (5) escolas profissionalizantes fundadas para os que não possuíam qualificações, diminuindo dramaticamente o desemprego e controlando a criminalidade; (6) construção de auto-estradas e a promessa de um carro popular acessível ao alemão comum.<sup>4</sup> Até mesmo a frequência à igreja aumentou: em 1932, 215.908 pessoas deixaram a igreja, e somente 49.700 se uniram a ela. Em 1933, 323.618 se uniram à igreja, enquanto somente 56.849 a abandonaram.<sup>5</sup>

Por tudo isto, os alemães agora podiam se orgulhar de ser novamente uma grande nação. Mas, como Dietrich Bonhoeffer escreveu a seus colegas da resistência Eberhard Bethge, Hans von Dohnanyi e o major-general Hans Oster, no final do ano de 1942: “O grande baile de máscaras do mal confundiu todos os conceitos éticos. Para a pessoa que vem de nosso universo conceitual ético tradicional, é realmente desconcertante que o mal possa tomar a forma da luz, da ação beneficente, da necessidade histórica, da justiça social. Para a pessoa cristã que vive a partir da Bíblia, isto é justamente a confirmação da maldade abissal do maligno.”<sup>6</sup>

De acordo com Richard Steigmann-Gall, o nazismo não era escancaradamente pagão, ainda que uma ala minoritária dele o fosse. Conforme este autor, o que os nazistas propunham era uma reinterpretação da fé cristã chamada “cristianismo positivo” (*Positives Christentum*). Segundo este autor, tal esforço revisionista da fé cristã tem suas origens no protestantismo liberal (*Kulturprotestantismus*) do século 19. Neste sentido, o trabalho de Julius Wellhausen com suas teorias documentais críticas, assim como a coincidente rejeição do Antigo Testamento pelos liberais e nazistas, tem como pano de fundo o anti-semitismo que, segundo Steigmann-Gall, em alguma medida já estava presente na cultura alemã (e européia) desde antes do livro de Martinho Lutero, *Os judeus e suas mentiras* (*Von den Juden und ihren Lügen*). A ênfase na distinção entre o Jesus histórico e o Cristo divino da fé, assim como a reinterpretação do cristianismo por Adolf von Harnack, com sua insistência em buscar um cristianismo prático e a ênfase de que o Deus do Novo Testamento era um Deus de amor e não o Deus vingativo e injusto do Antigo Testamento, também foram apropriadas pelo nazismo em seu discurso religioso.

Em resumo, protestantes liberais e ideólogos nazistas compartilhavam da mesma cosmovisão, com sua rejeição do Antigo Testamento e da historicidade dos Evangelhos, do “rabino Paulo” como um falsificador da mensagem

<sup>4</sup> LUTZER, Erwin. *A cruz de Hitler*. São Paulo: Vida, 2003, p. 19-20.

<sup>5</sup> BARNETT, Victoria. *For the Soul of the People: Protestant protest against Hitler*. New York: Oxford University Press, 1992, p. 32.

<sup>6</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 28.

de Cristo, da ressurreição do corpo, do pecado original e da depravação total e, fundamentalmente, da rejeição do escândalo da cruz, sendo Jesus redefinido como um herói “ariano” que lutou contra o judaísmo capitalista. O que torna burlesca esta tentativa de revisar a fé cristã é que quase todas estas idéias foram rejeitadas como heréticas pela igreja cristã nos séculos 2º e 3º, ao excomungar gnósticos e marcionitas, inclusive pela tentativa de retirar o Antigo Testamento das Escrituras.<sup>7</sup> Em lugar das confissões de fé cristãs, consideradas ultrapassadas, raça e povo (*Volk*), sangue e solo passaram a ser o padrão. E um elemento comum entre o “cristianismo positivo” e os paganismos do partido nazista era a radical rejeição dos credos, da igreja institucional e do clero cristão. Por isso, os escritos do místico medieval Meister Eckhart eram apreciados por alguns nazistas como modelo de “um relacionamento desprovido de intermediários entre o homem e Deus”, que “significava que o clérigo, fosse ele católico ou protestante, deixaria de existir”.<sup>8</sup>

Os seguidores do cristianismo positivo se percebiam como os verdadeiros cristãos socialistas, rejeitando o marxismo bolchevista internacionalista, mas, a partir de uma perspectiva nacionalista, afirmando “a necessidade pública antes da ganância privada”. Em resumo, os ideólogos nazistas se apropriaram da reinterpretação do protestantismo liberal do cristianismo, incorporando-a em seu discurso, numa “tentativa de criar um novo sincretismo, uma nova religião nacional que uniria católicos e protestantes na Alemanha”, baseada “em um sistema de valores e não em uma doutrina”.<sup>9</sup>

O que Steigmann-Gall perde de vista é que Hitler e os demais adeptos do “cristianismo positivo” no partido desprezavam a fé cristã histórica, pois a percebiam como incompatível com a ideologia nazista. Também não é levando em conta que Hitler era um oportunista que percebeu que a tradição cristã ainda era muito forte na Alemanha, e que seria mais sensato controlar (*Gleichschaltung*) a igreja evangélica. Se confiasse nele, a igreja seria um ótimo apoio para sua

<sup>7</sup> SIEMON-NETTO, Uwe. Of pagans and heretics. U.S. scholars take opposing views over the religion of the Nazis, em *The Atlantic Times*, setembro de 2006. Disponível em: [http://www.atlantic-times.com/archive\\_detail.php?recordID=642](http://www.atlantic-times.com/archive_detail.php?recordID=642). Acesso em: 12 mar 2010.

<sup>8</sup> STEIGMANN-GALL, Richard. *O Santo Reich: concepções nazistas do cristianismo, 1919-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 129.

<sup>9</sup> Cf. STEIGMANN-GALL, *O Santo Reich*, p. 33-116. O autor documenta estas ênfases teológicas liberais nos escritos, discursos e conversas pessoais dos principais líderes nazistas, como Adolf Hitler, Joseph Goebbels, Hermann Göring, Erich Koch, Dietrich Eckart, Dietrich Klagges, Walter Buch, Hans Schemm entre outros, além, claro, de Houston Stewart Chamberlain. O livro também trata dos líderes nazistas promotores do paganismo, como Martin Bormann, Heinrich Himmler, Reinhard Heydrich e Alfred Rosenberg. Ainda que discorde da conceituação imprecisa e generalista do cristianismo deste autor, é necessário enfatizar que sua descrição do “cristianismo positivo” e de sua dependência do protestantismo liberal é baseada em fartas fontes primárias, compulsadas a partir dos seguintes arquivos: Bundesarchiv Potsdam, Bundesarchiv Berlin-Zehlendorf, Bayerisches Hauptstaatsarchiv, Evangelisches Zentralarchiv in Berlin, Geheimes Staatsarchiv Preussischer Kulturbesitz e Staatsarchiv München.

ascensão ao poder. Mas se ele a alienasse, a igreja poderia se tornar um inimigo formidável. Embora tenha cortejado a igreja evangélica, nunca houve intenção de permitir qualquer independência a ela no Estado nazista. Ela seria apenas um instrumento, para ser descartada quando não mais necessária – o que efetivamente veio a ocorrer, depois de 1937.

## 2. A “DISPUTA PELA IGREJA”<sup>10</sup>

Nessa época a Alemanha tinha 65 milhões de habitantes. Desses, 150 mil eram membros de igrejas livres (*Freikirchen*), como os batistas e os metodistas, e 48 milhões pertenciam a vinte e oito igrejas territoriais independentes (*Landeskirchen*), que formavam a Federação Evangélica Alemã de Igrejas (*Deutscher Evangelischer Kirchenbund*). Esta incluía duas tradições: os luteranos, que eram teologicamente conservadores, e os reformados, mais liberais. O maior grupo era a Igreja Evangélica Unida na Prússia (*Evangelische Kirche der altpreußischen Union*), que congregava luteranos e reformados, com 18 milhões de membros – e de onde procedeu a maior parte dos membros da Igreja Confessional.<sup>11</sup>

Já em 1931 os nazistas organizaram o Movimento de Fé, que era conhecido como os “cristãos alemães” (*Deutsche Christen*), fanaticamente nazista, promotor do cristianismo positivo, e que era um influente grupo minoritário dentro da igreja evangélica alemã. O alvo dos “cristãos alemães” era unificar as diversas províncias evangélicas numa nova e única igreja evangélica (*Deutsche Evangelische Kirche*), conhecida também como Igreja do Reich (*Reichskirche*), sob total domínio estatal. Depois de bastante controvérsia, em abril de 1933, esta nova igreja foi criada da fusão das vinte e oito igrejas territoriais, e o moderado Friedrich von Bodelschwingh, dirigente do Instituto Bethel, um hospital em Bielefeld, foi eleito bispo (*Reichsbischof*) em maio, somente para ser constringido a renunciar logo depois. Nesta época retratos de Hitler eram expostos diante dos altares nas igrejas e crianças eram batizadas diante de bandeiras nazistas.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Para a história do período, cf. BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 30-103; LUTZER, *A cruz de Hitler*, p. 127-196; CORNU, Daniel. *Karl Barth, teólogo da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971, p. 11-61; MATOS, Alderi Souza de. O reino, o poder e a glória: as igrejas evangélicas alemãs e o regime nazista. In: *A caminhada cristã na história: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje*. Viçosa, MG: Ultimato, 2005, p. 233-241, e o verbete “Confessing Church”, disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/Confessing\\_Church](http://en.wikipedia.org/wiki/Confessing_Church); acesso em: 27 fev 2010.

<sup>11</sup> Cf. BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 25, 313, que sugere que isto se deu porque a Igreja Evangélica Unida na Prússia experimentou uma série de avivamentos ao fim do século XIX e na década de 1920, nos anos da República de Weimar, com ênfase na centralidade das Escrituras e na redescoberta das confissões de fé da Reforma do século XVI. Por outro lado, regiões com maior número de cristãos nominais foram mais vulneráveis ao movimento dos “cristãos alemães”.

<sup>12</sup> CONWAY, J. S. *The Nazi Persecution of the Churches*. New York: Basic Books, 1968, p. 9-10.

Como oposição aos “cristãos alemães”, por iniciativa de Walter Künneth e Hans Lilje, surgiu, em 9 de maio de 1933, o movimento “Jovens Reformadores” (*Jungreformatorische Bewegung*). Karl Barth, então lecionando teologia sistemática na Universidade de Bonn, reagiu aos “cristãos alemães” escrevendo em maio *O primeiro mandamento como axioma teológico* (*Das erste Gebot als theologisches Axiom*) e em junho *A existência teológica hoje* (*Theologische Existenz heute!*).<sup>13</sup> Em 5 de setembro, no chamado “sínodo pardo” (por causa dos uniformes dos paramilitares da SA, usados pela maioria dos delegados) em Wittenberg, os “cristãos alemães” conseguiram eleger a maioria dos delegados da Igreja Evangélica Unida na Prússia. Desta forma, conseguiram a maioria dos delegados nos sínodos da Igreja de Reich, e em 27 de setembro elegeram em um sínodo nacional, novamente em Wittenberg, o líder dos “cristãos alemães”, Ludwig Müller, que contou com a ajuda do próprio Hitler, quando este convocou os eleitores pelo rádio. O alvo desta interferência direta nos assuntos da igreja não era apenas ter absoluto poder político sobre todos os aspectos da sociedade, mas ter completa supremacia ideológica sobre a igreja, já que Müller teria poder de decisão eclesiástica correspondente ao que Hitler tinha na esfera política.

Em setembro de 1933, reagindo contra a adoção, pela igreja, do Parágrafo Ariano (nova lei que obrigava todos os servidores públicos e suas esposas a “não possuir sangue judeu”), os “Jovens Reformadores” se tornam a “Liga Emergencial dos Pastores” (*Pfarrernotbund*), fundada pelos pastores Herbert Goltz, Jacob Gunther e Eugene Weschke, aos quais se juntaram Martin Niemöller, pastor da paróquia de Berlin-Dahlem, e Dietrich Bonhoeffer.<sup>14</sup> Seus objetivos eram: (1) renovar a fidelidade às Escrituras e à doutrina; (2) resistir aos que atacavam as Escrituras e a doutrina; (3) ajudar financeira e materialmente aos que eram perseguidos; e (4) repudiar o Parágrafo Ariano. Em 13 de novembro, uma assembléia de vinte mil “cristãos alemães” iniciada ao som do hino “Castelo Forte” foi realizada no Palácio dos Esportes de Berlim, afirmando: (1) a necessidade de se remover todos os pastores que se opusessem ao nacional-socialismo; (2) a expulsão dos membros de origem judaica; (3) a aplicação do Parágrafo Ariano; (4) a remoção do Antigo Testamento das Escrituras; (5) a remoção de aspectos que não fossem germânicos da liturgia;

<sup>13</sup> Para uma descrição detalhada da carreira de Barth neste período, cf. BUSCH, Eberhard. *Karl Barth: His life from letters and autobiographical texts*. Eugene, OR: Wipf & Stock, 2005, p. 199-262.

<sup>14</sup> Alguns dos líderes da “Liga Emergencial” incluíam Hugo Hahn, superintendente eclesiástico em Dresden; Gerhard Jacobi, pastor da Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche em Berlin; Eberhard Klügel, pastor em Hannover; Karl Lücking, pastor em Dortmund; Ludolf Müller, superintendente eclesiástico em Heiligenstadt; George Schulz, pastor em Barmen; e D. Ludwig Heitmann, pastor em Hamburg. Em janeiro de 1934 a Liga tinha 7.036 membros, mas este número diminuiu para quase a metade logo depois. Cf. BETHGE, Eberhard. *Dietrich Bonhoeffer: a biography*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2000, p. 309-311.

e (6) a revisão do Novo Testamento por meio da adoção de uma interpretação mais “heróica” e “positiva” de Jesus, não mais como o crucificado, mas como rei que lutou contra a influência judaica.

Por conta da ordem de dezembro de 1933 para se dissolver as organizações eclesíásticas de jovens, que seriam absorvidas pela “Juventude Hitlerista” (*Hitler Jugend*) e da obrigatoriedade do Parágrafo Ariano, um grupo da “Liga Emergencial dos Pastores” reuniu-se com Hitler em 25 de janeiro de 1934. Antes que eles pudessem expor seu memorando, Hermann Göring, o mais importante ministro nazista, leu a transcrição de uma conversa telefônica entre Niemöller e Künneht, interceptada pela Gestapo, em que aquele insinuava que, se não tivesse atendidas suas reivindicações, a “Liga Emergencial” poderia se tornar uma Igreja Livre. A revelação isolou Niemöller e dividiu o grupo de pastores, dos quais faziam parte os bispos Theophil Wurm, da Igreja de Württemberg, e Hans Meiser, da Igreja da Baviera. Estas duas igrejas, juntamente com a Igreja de Hannover, dirigida pelo bispo August Maharens, passaram a ser conhecidas como as “igrejas intactas” (*intakte Kirche*), por não terem se dividido durante a “disputa pela igreja”. Dois dias depois, estes bispos moderados, que queriam preservar a liberdade da igreja, mas não estavam dispostos a entrar em conflito com o Estado, subscreveram uma declaração de fidelidade a Hitler. Com isto, a “Liga Emergencial dos Pastores” foi praticamente extinta, tendo-a deixado 1.800 pastores das igrejas da Baviera, Württemberg e Hannover.

Em 4 de janeiro de 1934, por convocação de Karl Barth, 320 conselheiros sinodais e pastores representando 167 igrejas reformadas reuniram-se em Barmen, um subúrbio de Wuppertal, na Renânia do Norte-Westfália. Nessa ocasião, Barth apresentou uma declaração sobre a correta compreensão das confissões na atualidade (*Erklärung über das rechte Verständnis der reformatorischen Bekenntnisse in der Deutschen Evangelischen Kirche der Gegenwart*). Em abril, Barth proferiu na Faculté de Théologie Protestante em Paris, na França, três palestras sobre “revelação, igreja e teologia” (*Offenbarung, Kirche, Theologie*). E em 16 de maio foi realizada no Basler Hof Hotel, em Frankfurt, uma reunião da Comissão Teológica composta por Karl Barth, Hans Asmussen e Thomas Breit, a preparar uma Declaração a ser apresentada no concílio ecumênico.<sup>15</sup> Finalmente, em 29-31 de maio ocorreu o Sínodo de Barmen,

<sup>15</sup> Com seu senso de humor típico, Barth descreveu a preparação da Declaração: “A Igreja Luterana dormia e a Igreja Reformada se mantinha acordada”. Enquanto os dois luteranos aproveitavam umas três horas de sesta, “eu revisei o texto das seis teses, fortalecido por café forte e um ou dois charutos brasileiros”. Cf. BUSCH, *Karl Barth: His life from letters and autobiographical texts*, p. 245. Asmussen era pastor luterano em Altona, perto de Hamburgo; Breit era intendente eclesíástico na Baviera. Hermann Sasse, o mais importante teólogo luterano da época, foi indicado pelo bispo Meiser para fazer parte da Comissão, mas não pode participar desta reunião por estar doente. Ele leu o texto, fez algumas sugestões, mas não subscreveu a Declaração, por conta da forte dependência desta da teologia de Barth. Cf. HOCKENOS, Matthew D. *A church divided: German Protestants confront the Nazi past*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2004, p. 24-25.



na igreja reformada de Barmen-Gemarke, como concílio das comunidades luteranas, reformadas e unidas, sob a moderação de Karl Koch, da Igreja da Westfália. Depois de lida em voz alta, a Declaração Teológica de Barmen (*Barmer Theologische Erklärung*) foi aprovada unanimemente pelos 138 delegados. Hans Thimme, assistente do moderador do Sínodo, relembrou depois:

Uma agitação se espalhou pelo grupo de tal forma que os homens começaram a chorar abertamente. De forma totalmente espontânea, sem que ninguém dissesse algo, alguém anunciou: “Agora vamos cantar *Nun danket Gott*!” [‘Agora, damos graças a Deus’]. Esse foi o ponto alto de Barmen e, em certo sentido, o ponto alto da minha vida, porque com isso, na verdade – e esta era a única coisa decisiva sobre Barmen – determinamos a identidade da igreja.<sup>16</sup>

Com isto, foi deflagrada a chamada “disputa pela igreja” (*Kirchenkampf*). E da “Liga Emergencial dos Pastores” surgiu a “Igreja Confessante” (*Die bekennende Kirche*), composta por quase sete mil pastores. Ainda neste ano, em 30 de outubro, por ocasião das comemorações do Dia da Reforma, Barth proferiu a palestra “Reforma é decisão” (*Reformation als Entscheidung*) numa conferência em Berlin.

Na passagem do dia 30 de junho para 1º de julho de 1934 ocorreu a “noite das longas facas”, quando cerca de uma centena de opositores do regime foram assassinados, inclusive os líderes da SA, e milhares de pessoas foram presas. Com isso, toda oposição política ao regime foi eliminada. Em setembro de 1934, os bispos Wurm e Meiser foram colocados em prisão domiciliar, o que gerou imenso protesto público.<sup>17</sup> No segundo sínodo confessante, realizado em Berlin-Dahlem (19 e 20 de outubro de 1934), foi aprovada uma série de leis emergenciais (*das Kirchliche Notrecht*) ligadas ao preparo e ordenação dos futuros ministros da Igreja Confessional. Em novembro foi estabelecido o Conselho Provisório da Igreja (*Vorläufige Kirchenleitung*), em meio a tensões irreconciliáveis entre os que queriam cooperar com o regime mediante certa liberdade eclesiástica e aqueles que, percebendo-se como a verdadeira igreja na Alemanha, se opunham radicalmente ao nazismo. Como Fritz Müller, ministro na mesma paróquia de Niemöller, afirmou: “Não estamos deixando a nossa igreja por uma igreja livre; mais exatamente, nós *somos* a igreja”.<sup>18</sup> A maioria dos moderados provinha das “igrejas intactas”, e os radicais provinham da Igreja Evangélica Unida na Prússia, e passaram a ser chamados de Dahlemitas (*Dahlemiten*), por se aterem às

<sup>16</sup> BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 54.

<sup>17</sup> Wurm, inicialmente moderado diante do nacional-socialismo, a partir de 1940 se opôs publicamente à eutanásia praticada em clínicas psiquiátricas, e por isto foi proibido de pregar em 1944. Ele apoiou o movimento de resistência a Hitler, sendo muito próximo do Coronel-General Ludwig Beck e do economista Carl Goerdeler. Ao fim da guerra, foi eleito moderador da Igreja Evangélica da Alemanha.

<sup>18</sup> BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 65.

decisões do segundo sínodo confessante. Ainda que a partir do sínodo de Dahlem a Igreja Confessional tivesse cultos separados, e capacitasse e ordenasse seus próprios pastores, ela nunca rompeu completamente com a igreja protestante. Porém, aconteceu o que Hitler menos queria, uma cisão dentro da igreja, o que tornou a Igreja Confessante inimigo político do Estado.

Porque Karl Barth se recusou a prestar o juramento de lealdade a Hitler em novembro de 1934, e por sua resistência às tentativas do partido de unificar e subordinar a igreja ao regime, foi proibida a venda de seus livros na Alemanha e ele foi expulso do país em junho de 1935, partindo para a Suíça, a fim de lecionar na Universidade de Basel. Ainda neste ano, Hitler removeu o inepto Müller do bispado, e indicou Hans Kerrl, que havia sido Ministro da Justiça da Prússia, para o cargo de Ministro para Assuntos da Igreja, continuando a luta para controlar os protestantes.<sup>19</sup> De 4 a 6 de junho, duas semanas depois das Leis de Nuremberg (*Nürnberger Gesetze*) serem aprovadas, foi realizado o terceiro sínodo confessante, em Augsburg, mas em meio a intenso debate, não foi aprovada uma declaração preparada pelo superintendente eclesiástico de Spandau, Martin Albertz, condenando as leis anti-semitas aprovadas em Nuremberg. Neste mesmo ano, cerca de 700 pastores da Igreja Confessional foram presos, pelo fato de uma declaração que denunciava os “cristãos alemães” e os “deuses falsos” da raça e do povo ter sido lida nos cultos.

O Conselho Provisório da Igreja foi dissolvido no quarto sínodo confessante, reunido em Bad-Oeynhausen (17 a 22 de fevereiro de 1936). Um novo conselho foi estabelecido, e enviou a Hitler um memorando preparado por Asmussen, em maio de 1936, que também foi lido dos púlpitos. Este memorando protestava contra as heresias dos “cristãos alemães”, denunciava o anti-semitismo como contrário ao “amor ao próximo” e exigia que o partido parasse de interferir nos assuntos internos da igreja evangélica. Este documento marcou o momento de inflexão da relação de Hitler com as igrejas protestantes. Quarenta e oito pastores foram presos, além de Friedrich Weibler, judeu convertido e conselheiro legal da Igreja Confessante, que foi assassinado no campo de concentração de Sachsenhausen em 1937. Niemöller também foi encarcerado, primeiro na prisão de Berlin-Moabit, depois nos campos de concentração de Sachsenhausen e Dachau, permanecendo neste último até o fim da Segunda Guerra Mundial.<sup>20</sup> Helmut Gollwitzer substituiu-o na paróquia de Berlin-Dahlem.

<sup>19</sup> Müller, que anteriormente havia sido capelão militar em Königsberg, permaneceria um fiel nazista até o fim da vida. Foi capturado pelos aliados, e suicidou-se pouco após o fim da Segunda Guerra.

<sup>20</sup> Estas medidas foram tomadas, sobretudo, contra os membros da Igreja Confessante na Igreja Evangélica Unida na Prússia, onde eram mais fortes. 206 pastores em Berlin-Brandenburg foram presos em 1937, ao passo que dois foram presos em Hannover, um em Württemberg e um na Baviera. Cf. BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 69.

Em agosto de 1937 foi promulgado o “Decreto de Himmler”. Com isso, os fundos da Igreja Confessante foram confiscados, assim como seus pastores proibidos de recolher ofertas nos cultos. Além disto, os exames teológicos para ordenação foram proibidos, e os seminários de pregadores (*Predigerseminar*) considerados ilegais.<sup>21</sup> Estas atividades passaram a ser consideradas criminosas e passíveis de prisão. Por fim, a partir de 1938 foi exigido que os pastores protestantes fossem obrigados a prestar um juramento de lealdade (*Treueid der Pfarrer*) a Adolf Hitler.

Voltando ao trabalho de Steigmann-Gall, é necessário mencionar que o autor incorre numa falácia ao reconhecer que o nazismo se apropriou de uma interpretação espúria do cristianismo, para ainda assim concluir que “o cristianismo (...) pode ser a origem de parte da perversidade que ele abomina”. Em seu entendimento, a luta dos confessantes era somente uma contenda dentro do cristianismo. Segundo ele, e isto é verdadeiro, muitos dos membros da Igreja Confessante, ao mesmo tempo em que queriam preservar a independência da Igreja frente ao Estado, se percebiam como patriotas nacionalistas e apoiadores das políticas nazistas.<sup>22</sup> Como escreve Victoria Barnett, “a perturbadora evidência da história sugere que as igrejas se abstiveram de criticar o regime, não porque quisessem permanecer ‘politicamente neutras’ e sim porque frequentemente concordavam com ele”.<sup>23</sup> Mas o veredicto acerca do revisionismo nazista do cristianismo precisa ser encontrado um pouco antes. Steigmann-Gall escreve:

O cristianismo positivo era essencialmente uma mistura sincrética dos princípios econômicos do luteranismo confessional com a doutrina e a eclesiologia do protestantismo liberal. Este último é particularmente importante para que possamos entender o anti-semitismo racial que os nazistas iriam aperfeiçoar. Ele representava uma resposta cristã aos desafios teológicos apresentados pela

<sup>21</sup> Os principais seminários eram os de Berlin (dirigido por Heinrich Vogel), Bielefeld-Sieker (dirigido por Otto Schmitz), Bloestau e Jordan (Newmark) (ambos dirigidos por Hans Joachim Iwand), Naumburg am Queis (dirigido por Gerhard Gloege), Stettin-Finkenwalde, depois transferido para Groß Schlönwitz e finalmente para Sigurdshof (dirigido por Bonhoeffer).

<sup>22</sup> Para uma ilustração deste ponto, cf. em VAN NORDEN, Günther. *Der Deutsche Protestantismus im Jahr der nationalsozialistische Machtergreifung*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Mohn, 1979, p. 54 o que Otto Dibelius, superintendente geral do Kurmark, e que mais tarde seria membro da Igreja Confessante, anunciou em 1933 na Nikolaikirche: “Aprendemos com Martinho Lutero que a igreja não pode interferir nas atitudes do poder estatal quando ele faz o que é chamado a fazer. Nem mesmo quando [o Estado] torna-se duro e impiedoso... Quando o Estado cumpre o seu dever contra aqueles que destroem a honra com palavras ultrajantes e cruéis que menosprezam a fé e semeiam a morte pela pátria, então [o Estado] está governando em nome de Deus”. Cf. também a atitude de Niemöller, que tendo comandado o submarino UC-67 com sucesso no último semestre da Primeira Guerra Mundial, ao começar a Segunda Guerra Mundial, mesmo preso, se ofereceu para voltar a servir na arma submarina (*U-Boot-Waffe*). Seu pedido foi recusado pelo Almirante Erich Reader.

<sup>23</sup> BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 72.

modernidade secular e o perigo discernido do judeu alemão aculturado e assimilado. A tentativa de enfrentar esse desafio surgiu através de uma acomodação teológica com a ciência, acomodação essa que preservava a relevância dos Evangelhos. (...) O anti-semitismo racialista não encontrou apenas uma receptividade mais calorosa entre os protestantes liberais do que entre os luteranos confessionais; sob muitos aspectos, o anti-semitismo racialista nasceu da crise teológica representada pelo protestantismo liberal.<sup>24</sup>

Por “princípios econômicos do luteranismo confessional” o autor tem em mente a doutrina luterana dos dois reinos, que encontra sua elaboração no século 19 na teologia das ordens da criação (*Schöpfungsglaube*) da igreja, da economia e do Estado, implicando a noção de duas esferas de vida. Este ensino gerou uma crise entre os confessantes que se opuseram às tentativas do Estado em submeter a igreja. Para os moderados, a maior parte deles ligados às “igrejas intactas”, que eram críticos do nazismo, mas que percebiam o Estado nazista como legítimo, ainda que insatisfatório, a opção era trabalhar dentro dos limites impostos pelo regime. Os que negavam essa legitimidade foram conduzidos a resistir ao nazismo ativamente. Esta diferença desencadeou uma amarga divisão na Igreja Confessante, entre os moderados e os Dahlemitas que se percebiam como a única igreja legítima na Alemanha.

Por “a doutrina e a eclesiologia do protestantismo liberal” o autor enfoca as reinterpretações realizadas pela teologia liberal na fé cristã. O autor supõe ser tal teologia, que descarta a inspiração das Escrituras, Deus, o pecado, a pessoa de Cristo e a redenção por meio de sua morte e ressurreição, “uma resposta cristã” aos desafios do século 19, sem levar em conta que “o liberalismo *não é cristianismo*”.<sup>25</sup> A teologia liberal é mais propriamente uma heresia. Por isto, mais precisamente, deve-se afirmar que foi o protestantismo liberal, do qual os “cristãos alemães” dependiam, uma das origens da perversidade abominável que foi o nazismo.

Pode ser descartada a suposição de Steigmann-Gall de que as concepções nazistas do “cristianismo positivo” eram de fato cristãs, sendo mais exatamente uma espécie de gnose “elaborada por meio de noções cristãs”.<sup>26</sup> Também está bem estabelecido que a luta da Igreja Confessional era doutrinal, para preservar a liberdade da pregação e da confissão de fé. Mas será que nesta batalha não estava implícita uma crítica política ao nazismo?

<sup>24</sup> STEIGMANN-GALL, *O Santo Reich*, p. 321.

<sup>25</sup> MACHEN, J. Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 157. Esta obra foi publicada em 1923, contendo uma crítica a um dos principais ideólogos nazistas, Houston Chamberlain (p. 41), além da percepção de que, na medida em que a ortodoxia fosse trocada pelo liberalismo teológico, a civilização ocidental se renderia ao totalitarismo e ao paganismo (p. 21-25, 70-71).

<sup>26</sup> BARTH, Karl, *Lutherfeier 1933*, p. 17-19, citado em CORNU, *Karl Barth, teólogo da liberdade*, p. 36.

### 3. “A EXISTÊNCIA TEOLÓGICA HOJE”

Como visto acima, a nomeação de Bodelschwingh foi considerada ilegal, e ele foi pressionado a renunciar ao cargo. Neste contexto, Karl Barth escreveu seu tratado *A existência teológica hoje*. Sobre os “cristãos alemães” e seu “cristianismo positivo”, ele afirmou neste escrito:

O que tenho a dizer quanto a isso é simples: digo incondicionalmente e *sem* reservas um não ao espírito e à letra dessa doutrina. Considero que essa doutrina não tem direito de cidadania na igreja evangélica. Considero que se essa doutrina vier a atingir a soberania exclusiva, como é a vontade dos “cristãos alemães”, esse será o fim da igreja evangélica. Considero que a igreja evangélica deveria preferir tornar-se um ínfimo punhado de gente e ir às catacumbas do que fazer, nem que fosse de longe, um pacto de paz com essa doutrina. Considero aqueles que se aliaram a essa doutrina, ou sedutores ou seduzidos, e posso reconhecer igreja nesse “movimento da fé” somente na mesma medida em que também a reconheço no papado romano. Quanto a meus diversos amigos teólogos que, graças a alguma hipnose qualquer ou por meio de algum sofisma, se encontraram em condições de aceitar essa doutrina, só lhes posso pedir tomarem conhecimento de que eu me considero total e definitivamente separado deles, a não ser que por feliz inconseqüência ainda lhes tenha permanecido, em algum recôndito da alma, alguma substância cristã, eclesial e teológica, paralelamente a essa heresia.<sup>27</sup>

A idéia de uma “nova reforma” da igreja mediante a mudança de sua mensagem e a instituição de um bispo plenipotenciário nasceu do desejo de mimetizar o Estado nacional-socialista, sendo que o alvo desta “nova reforma” era estender o princípio “um povo, um império, um líder” (*Ein Volk, ein Reich, ein Führer*) também sobre a igreja. Com isto em mente, Barth passou a refutar detalhadamente as teses principais dos “cristãos positivos”:

1. A igreja não deve “fazer tudo” para que o povo alemão reencontre “o caminho para a igreja”, mas sim para que *na* igreja encontre o mandamento e a promessa da livre e pura palavra de Deus.
2. O povo alemão obtém sua vocação de Cristo e para Cristo, através da palavra de Deus a ser proclamada de acordo com a Santa Escritura. Essa proclamação é a incumbência da igreja. Não é incumbência da igreja levar o povo alemão ao conhecimento e cumprimento de uma “profissão” (*Beruf*) distinta da *vocação* (*Berufung*) de Cristo e para Cristo.
3. A igreja nem sequer deve prestar serviço a pessoas e, portanto, também não ao povo alemão. A igreja evangélica alemã é igreja para o povo evangélico alemão. Contudo, ela presta serviço apenas à palavra de Deus se através de sua palavra é prestado serviço a pessoas e, portanto, também ao povo alemão.

<sup>27</sup> BARTH, Karl. A existência teológica hoje. In: ALTMANN, Walter (Org.). *Karl Barth: dádiva & louvor; artigos selecionados*. São Leopoldo: IEPG & Sinodal, 1996, p. 155.

4. A igreja crê na instituição divina do Estado como representante e portador da ordem pública jurídica no povo. No entanto, ela não crê num Estado determinado, portanto também não no alemão, nem crê numa determinada forma de Estado, portanto também não na nacional-socialista. Ela proclama o evangelho em todos os reinos desse mundo. Proclama-o também *no* Terceiro Reich, mas não *sob* ele nem em seu espírito.

5. Se deve ser desenvolvida, a confissão da igreja há de ser desenvolvida segundo a norma da Santa Escritura e de modo algum segundo a norma das afirmações e negações de uma cosmovisão (*Weltanschauung*) em vigor em uma determinada época, seja política ou de outra natureza qualquer, portanto também não da nacional-socialista. Esta não tem por incumbência "fornecer armas", nem para "nós" nem para ninguém.

6. A comunhão entre aqueles que pertencem à igreja não se estabelece pelo sangue e, portanto, também não pela raça, mas pelo Espírito Santo e pelo batismo. Se a igreja evangélica alemã vier a excluir os judeus ou tratá-los como cristãos de segunda classe, ela terá deixado de ser igreja cristã.

7. Se de algum modo o ministério de um bispo imperial for possível na igreja evangélica, então deverá ser preenchido, como todo cargo eclesiástico, sob hipótese alguma de acordo com critérios e métodos políticos (eleição primária, filiação partidária etc.), mas através dos representantes do ministério ordinário nas comunidades, exclusivamente sob o critério da adequação eclesial.

8. A formação e condução dos pastores não deve ser transformada "no sentido de maior proximidade da vida e maior vinculação com a comunidade", mas no sentido de maior disciplina e objetividade na exposição da única tarefa que lhes foi confiada e ordenada, ou seja, a da proclamação da Palavra de acordo com as Escrituras.<sup>28</sup>

Barth nega qualquer legitimidade ao Estado transcendente que exige o equivalente a culto ou devoção, no caso, o tipo de Estado totalitário peculiar à Alemanha nazista, o qual tentou não somente englobar o homem e suas múltiplas atividades, mas também a Deus e sua revelação. Mas, no fim, é aos pregadores da igreja que ele se dirige, e é a autenticidade da mensagem deles que o preocupa:

Por isso a igreja e a teologia não podem entrar em hibernação quando há um Estado total, conformando-se com uma moratória e alguma adaptação forçada. Elas são a fronteira natural também do Estado total. Pois também no Estado total o povo vive da palavra de Deus, cujo conteúdo é: "remissão dos pecados, ressurreição do corpo e vida eterna". A igreja e a teologia devem servir a essa palavra, em favor do povo. Por isso são a fronteira do Estado. Elas o são para a salvação do povo, para aquela salvação que nem o Estado nem a igreja podem criar, mas que a igreja é vocacionada a proclamar. Ela deve poder ficar fiel e

---

<sup>28</sup> BARTH, A existência teológica hoje, p. 155-156.

querer ficar fiel a esse seu objeto particular. O teólogo deve permanecer vigilante, em sua atribuição específica: um pássaro solitário no telhado, portanto sobre a terra, mas sob o céu aberto, ampla e incondicionalmente aberto. Ah, que o teólogo evangélico alemão queira permanecer vigilante ou, se porventura tenha estado dormindo, que queira ficar vigilante hoje, hoje de novo!<sup>29</sup>

Cerca de 37.000 exemplares de *A existência teológica hoje* foram vendidos em um ano. Em julho de 1934 foi proibida a venda deste manifesto, que era uma firme reação teológica direcionada aos dirigentes da igreja evangélica na Alemanha, a fim de chamar-lhes a atenção para a mensagem que estavam pregando.

#### 4. A DECLARAÇÃO TEOLÓGICA DE BARMEN

Como visto acima, em 31 de maio de 1934 foi aprovada a Declaração Teológica de Barmen, “o mais importante documento que surgiu na igreja desde a Reforma”.<sup>30</sup> Esta não é propriamente uma confissão de fé, mas uma “declaração teológica a respeito da situação atual da Igreja Evangélica alemã”, aprovada num ambiente descrito por vários dos participantes como de “miraculoso senso de unidade”.<sup>31</sup> Suas principais teses seguem abaixo:

##### I. Um apelo às congregações evangélicas e aos cristãos na Alemanha

(...)

Fiéis à sua confissão de fé, membros das Igrejas Luterana, Reformada e Unida procuraram redigir uma mensagem comum para ir ao encontro das necessidades e tentação da Igreja em nossos dias. Com gratidão a Deus, estão convictos de que lhes foi concedida uma palavra comum para dizerem. Não foi sua intenção fundar uma nova Igreja ou formar uma união de Igrejas. Nada esteve tão longe dos seus pensamentos quanto a abolição do “status” confessional das nossas Igrejas. Pelo contrário, sua intenção era resistir com fé e unanimidade à destruição da Confissão de Fé, e, por conseguinte, da Igreja Evangélica na Alemanha. Em oposição às tentativas de estabelecer a unidade da Igreja Evangélica Alemã mediante uma falsa doutrina, fazendo uso da força e de práticas insinceras, o Sínodo Confessional insiste que a unidade das Igrejas Evangélicas na Alemanha só poderá provir da Palavra de Deus na fé concedida pelo Espírito Santo. Somente assim a Igreja se renova.

O Sínodo Confessional, portanto, conclama as congregações para se unirem em oração e coesas cerrarem fileiras em torno dos pastores e mestres que permanecem fiéis às Confissões.

Não vos deixeis enganar pelos boatos de que pretendemos opor-nos à unidade da nação alemã! Não deis ouvidos aos sedutores que pervertem nossas intenções,

<sup>29</sup> Ibid., p. 166.

<sup>30</sup> COCHRANE, Arthur C. *The Church's Confession Under Hitler*. Philadelphia: Westminster Press, 1962, p. 14, citado em LUTZER, *A cruz de Hitler*, p. 168.

<sup>31</sup> BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 54.

dando a impressão de que desejaríamos quebrar a unidade da Igreja Evangélica Alemã ou abandonar as Confissões dos Pais da Igreja.

Examinai os espíritos, a ver se eles são de Deus! Provai também as palavras do Sínodo Confessional da Igreja Evangélica Alemã para testar se estão conformes com a Sagrada Escritura e com a Confissão dos Pais. Se achardes que nossas palavras se opõem à Escritura, então não nos deis atenção! Mas se julgardes que nossa posição está conforme com a Escritura, então não permitais que o medo ou a tentação vos impeça de trilhar conosco a vereda da fé e da obediência à Palavra de Deus, a fim de que o povo de Deus tenha um só pensamento na terra e que nós experimentemos pela fé aquilo que ele mesmo disse: ‘Nunca vos deixarei, nem vos abandonarei’. Por esse motivo, “não temais, ó pequenino rebanho, porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino”.

## II. Declaração teológica a respeito da situação atual da Igreja Evangélica Alemã

(...)

1. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (Jo 14.6). “Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim será salvo” (Jo 10.1, 9).

Jesus Cristo, tal como nos atestam as Santas Escrituras, é a única Palavra de Deus que devemos escutar, à qual nos devemos confiar e obedecer, na vida e na morte. Rejeitamos a falsa doutrina segundo a qual a Igreja teria, além e ao lado da Palavra única de Deus, outras fontes de testemunho, isto é, outros acontecimentos e outros poderes, outras personalidades e outras verdades que corroborariam a revelação divina.

2. “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1.30).

Assim como Jesus Cristo é a certeza divina do perdão de todos os nossos pecados, assim e também com a mesma seriedade, é a reivindicação poderosa de Deus sobre toda a nossa existência. Por seu intermédio experimentamos uma jubilosa libertação dos ímpios grilhões deste mundo, para servirmos livremente e com gratidão às suas criaturas.

Rejeitamos a falsa doutrina de que, em nossa existência haveria áreas em que não pertencemos a Jesus Cristo, mas a outros senhores, áreas em que não necessitaríamos da justificação e santificação por meio dele.

3. “Seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, no qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor” (Ef 4.15-16).

A Igreja Cristã é a comunidade dos irmãos, na qual Jesus Cristo age atualmente como o Senhor na Palavra e nos Sacramentos através do Espírito Santo. Como Igreja formada por pecadores justificados, ela deve, num mundo pecador, testemunhar com sua fé, sua obediência, sua mensagem e sua organização que só dele ela é propriedade, que ela vive e deseja viver tão somente da sua consolação e das suas instruções na expectativa da sua vinda.



Rejeitamos a falsa doutrina de que à Igreja seria permitido substituir a forma da sua mensagem e organização, a seu bel prazer ou de acordo com as respectivas convicções ideológicas e políticas reinantes.

4. “Sabeis que os governadores dos gentios os dominam, e os seus grandes exercem autoridades sobre eles. Não será assim entre vós; antes, qualquer que entre vós quiser se tornar grande, será esse o que vos sirva” (Mt 20.25-26).

A diversidade de funções na Igreja não estabelece o predomínio de uma sobre a outra, mas antes o exercício do ministério confiado e ordenado a toda a comunidade. Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja, desviada deste ministério, poderia dar a si mesma ou permitir que se lhe dessem líderes especiais revestidos de poderes de mando.

5. “Temei a Deus. Honrai o rei.” (1Pe 2.17).

A Escritura nos diz que o Estado tem o dever, conforme ordem divina, de zelar pela justiça e pela paz no mundo ainda que não redimido, no qual também vive a Igreja, segundo o padrão de julgamento e capacidade humana com emprego da intimidação e exercício da força. A Igreja reconhece o benefício dessa ordem divina com gratidão e reverência a Deus. Lembra a existência do Reino de Deus, dos mandamentos e da justiça divina, chamando, dessa forma, a atenção para a responsabilidade de governantes e governados. Ela confia no poder da Palavra e lhe presta obediência, mediante a qual Deus sustenta todas as coisas.

Rejeitamos a falsa doutrina de que o Estado poderia ultrapassar a sua missão específica, tornando-se uma diretriz única e totalitária da existência humana, podendo também cumprir desse modo a missão confiada à Igreja.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja poderia e deveria, ultrapassando a sua missão específica, apropriar-se das características, dos deveres e das dignidades estatais, tornando-se assim, ela mesma, um órgão do Estado.

6. “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28.20). “A palavra de Deus não está presa.” (2Tm 2.9).

A missão da Igreja, na qual repousa sua liberdade, consiste em transmitir a todo o povo – em nome de Cristo e, portanto, a serviço da sua Palavra e da sua obra pela pregação e pelo sacramento - a mensagem da livre graça de Deus.

Rejeitamos a falsa doutrina de que a Igreja, possuída de arrogância humana, poderia colocar a Palavra e a obra do Senhor a serviço de quaisquer desejos, propósitos e planos escolhidos arbitrariamente.

O Sínodo Confessional da Igreja Evangélica Alemã declara ver no reconhecimento destas verdades e na rejeição desses erros, a base teológica indispensável da Igreja Evangélica Alemã na sua qualidade de federação de Igrejas Confessionais. Ele convida a todos os que estiverem aptos a aceitar esta declaração a terem sempre em mente estes princípios teológicos em suas decisões na política eclesiástica. Ele concita a não pouparem esforços para o retorno à unidade da fé, do amor e da esperança.<sup>32</sup>

<sup>32</sup> A Declaração Teológica de Barmen, em *A Constituição da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América*, Parte 1: Livro de Confissões. São Paulo: Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1969, 8.01-8.28.

A primeira tese desta Declaração afirmou a autoridade única de Jesus Cristo sobre a igreja, rejeitando tanto a autoridade eclesiástica instalada por Hitler para manipular a igreja, quanto o nazismo, considerado idolatria. A segunda tese tratou da segurança que vem de Cristo assim como de sua soberania sobre toda a vida, afirmando a unidade do evangelho e da lei em Cristo. Barth desenvolveu esta tese em seu ensaio de 1935, “Evangelho e lei” (*Evangelium und Gesetz*), onde inverte a tradicional sequência luterana de lei e evangelho. A terceira tese declara o senhorio de Cristo sobre a igreja e afirma que o mundo não tem o direito de definir a agenda da igreja. A quarta tese ensina que as diversas funções da igreja são para mútuo serviço e ministério, não para o exercício de poder iníquo. A quinta tese modifica a teologia luterana dos dois reinos ao reconhecer a instituição divina do Estado, mas rejeitar as pretensões do Estado que se torna totalitário e assume a vocação da igreja. Por fim, a sexta tese afirma o chamado da igreja para proclamar a livre graça de Deus para todos, por meio da Palavra e dos sacramentos.<sup>33</sup>

A Declaração de Barmen posicionou-se não somente contra a aberração dos “cristãos alemães”, mas contra toda a tradição do sincretismo modernista que tornou isso possível. Como Barth notou posteriormente, o grande problema dos “cristãos alemães” era o resultado de dois séculos de uma longa tradição de considerar a revelação de Deus insuficiente. Por isto a necessidade de tratar a revelação ao lado de outra fonte de autoridade – daí, revelação e razão; revelação e história; revelação e humanidade; e, finalmente, revelação e Alemanha. Por isso, a Declaração é “o primeiro documento extraído de uma confrontação séria da Igreja Evangélica com o problema da teologia natural”, onde esta é rejeitada categoricamente.<sup>34</sup>

Num contexto onde a arte, a imprensa, o rádio, o cinema, a educação, a economia, as forças armadas e a justiça cederam à pressão dos nazistas, Barth, comentando a quarta tese, lembrou que “o Estado não pode se apropriar do homem em sua totalidade, não pode querer definir a forma e a mensagem da igreja. Se reconhecemos isso, devemos também confessá-lo”.<sup>35</sup> Por isso, ainda que não abordasse diretamente questões sociais ou políticas, de acordo com

<sup>33</sup> Cf. HOCKENOS, *A church divided: German Protestants confront the Nazi past*, p. 23-28, e VEITH, Gene Edward. *Modern Fascism: Liquidating the Judeo-Christian Worldview*. St. Louis, MO: Concordia, 1993, p. 60-61.

<sup>34</sup> BARTH, Karl. *Church Dogmatics* II/1. Edinburgh: T&T, 1957, p. 172-175. Este também foi o contexto do confronto entre Barth e Emil Brunner sobre a teologia natural. *Nein!*, sua resposta ao livro de Brunner, *Natur und Gnade*, foi publicada entre setembro e outubro de 1934. Cf. BUSCH, *Karl Barth: His life from letters and autobiographical texts*, p. 248-253.

<sup>35</sup> *Textes Symboliques* (Genebra, 1960), p. 76, citado em CORNU, *Karl Barth, teólogo da liberdade*, p. 47.

a Declaração Teológica uma igreja sancionada por um governo totalitário se tornou numa igreja apóstata e herética.<sup>36</sup>

Aqueles reunidos em Barmen reconheceram o papel do Estado como mantenedor da ordem, mas este não deveria desempenhar a missão da igreja. Por isto, a Declaração Teológica deve ser considerada um chamado à resistência contra as tentativas do governo nazista de dominar a Igreja Evangélica, expulsando os judeus da igreja e do ministério e honrando Adolf Hitler como o novo guia de toda a sociedade. Ao fim de junho de 1934, 25.000 cópias de uma edição da Declaração preparada por Karl Immer haviam sido vendidas. Em conjunto, o tratado *A existência teológica hoje* e o Sínodo de Barmen foram o primeiro movimento de oposição ao nazismo na Alemanha. Na obra de Steigmann-Gall o Sínodo de Barmen é mencionado de passagem, somente como o momento de fundação formal da Igreja Confessante, enquanto o tratado de Barth não é citado uma única vez.

## 5. “ERGA A VOZ EM FAVOR DOS QUE NÃO PODEM SE DEFENDER”

Uma omissão desconcertante no livro de Steigmann-Gall é que Dietrich Bonhoeffer não é mencionado nem uma única vez, já que ele é quem encarna uma clara mudança, da *oposição pontual* à política nazista para uma *resistência política total* ao nazismo, “atitude que o torna único, mesmo entre os mártires da Igreja Confessional”.<sup>37</sup> Bonhoeffer esteve entre os primeiros a discernir o verdadeiro espírito do nacional-socialismo.

Dois dias depois de Hitler se tornar chanceler, em 1º de fevereiro de 1933, Bonhoeffer teve sua fala no rádio cortada ao atacar o conceito do “princípio de autoridade” (*Führerprinzip*) hierárquico associado a Hitler, quando afirmou que “governante e governo que se divinizam afrontam a Deus”. Em 7 de abril, ele falou a um grupo de pastores sobre “A igreja e a questão judaica” (*Die Kirche vor der Judenfrage*). Ele convocou as igrejas para, em primeiro lugar, tomar uma atitude contra o governo, por aprovar leis racistas que não tinham legitimidade. Segundo, ele exigiu que a igreja se comprometesse incondi-

<sup>36</sup> Cf. RENDERS, Helmut. Compromisso pastoral, clareza teológica e cidadania: a Declaração Teológica de Barmen como resultado de uma interação entre Igreja e academia teológica. Revista *Caminhando* v. 14, n. 2, p. 109-128, jul./dez. 2009, p. 116. Ao considerar a Declaração Teológica, Renders chama atenção para o fato de que são rejeitadas compreensões errôneas sobre a igreja (cinco vezes), o Estado (uma vez) e a existência humana (uma vez). Ele escreve: “Chama a atenção o terceiro elemento de cada uma das seis teses da DTB. Ele sempre inicia com as palavras ‘Rejeitamos a falsa doutrina...’ Matthew D. Hockenos (...) referiu-se a esta parte como *damnatio* e o uso das respectivas palavras em alemão e latim nas confissões da reforma sustentam essa possibilidade. (...) A DTB usa ‘verwerfen’, o que ao lado do mais forte ‘verdammen’ corresponde na versão alemã da *Confessio Augustana* ao ‘damnare’ da versão em latim. Isso corresponde a *anathema* em grego”.

<sup>37</sup> BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 181.

cionalmente com os perseguidos pelo Estado – fossem eles participantes da comunidade cristã ou não. Finalmente, ele afirmou que a igreja devia “travar as rodas do Estado” caso a perseguição aos judeus continuasse, exigindo uma ação política imediata, por parte da igreja. “Bonhoeffer finalmente concluiu que a resistência não era apenas uma opção legítima para a igreja, mas um *status confessionis*: uma situação em que os preceitos da fé cristã exigem que os cristãos resistam, se eles quiserem manter sua integridade confessional”. Muitos dos pastores presentes neste encontro saíram do recinto convencidos de que tinham ouvido a incitação para uma rebelião.<sup>38</sup>

Um pouco antes das eleições na igreja, em julho de 1933, Bonhoeffer pregou na *Dreifaltigkeitskirche*, em Berlim: “[A igreja] não nos será tomada – seu nome é decisão, seu nome é o discernimento dos espíritos... Venha... você que foi abandonado, você que perdeu a Igreja; retornemos às Sagradas Escrituras, busquemos juntos a Igreja... Pois aqueles momentos quando a compreensão humana se desintegra podem muito bem ser uma grande oportunidade de edificação... Igreja, permaneça igreja! ... confesse, confesse, confesse”.<sup>39</sup> Numa carta para sua avó, Julie, em 20 de agosto daquele ano, ele escreveu: “A questão é na verdade: germanismo ou cristianismo? Quanto antes esse conflito se tornar público, melhor. Nada poderia ser mais perigoso que dissimular isto”.<sup>40</sup> Em setembro desse ano viajou para a Inglaterra, onde pastoreou duas congregações de fala alemã em Londres, desapontado porque a Igreja Confessante não tomou uma atitude mais firme contra o anti-semitismo.

Retornando à Alemanha, em abril de 1935 Bonhoeffer passou a dirigir um seminário de pregadores da Igreja Confessional em Stettin-Finkenwalde, na Pomerânia, que foi fechado em setembro de 1937 pela Gestapo. A clandestinidade tornava essa instituição, pelo menos da perspectiva estatal, subversiva. Por isto, desde o princípio, esse seminário foi uma entidade política, opondo-se ao nazismo. A partir do estudo das Escrituras, Bonhoeffer entendeu que diante da opressão secular a igreja necessita estar presente no mundo, sendo obediente em circunstâncias difíceis – como ele disse, o cristão precisa viver a “graça dispendiosa” e não a “graça barata”.<sup>41</sup> Ele também ressaltou a necessidade da confissão, meditação e intercessão na vida em comunidade. Para esta, ele enfatizou a liturgia e símbolos cristãos como substitutos e corretivos dos símbolos e rituais nazistas. Conforme escreve Craig Slane:

<sup>38</sup> Cf. KELLY, Geffrey B.; NELSON, F. Burton. *The Cost of Moral Leadership: The Spirituality of Dietrich Bonhoeffer*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003, p. 44-45; BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: a biography*, p. 273-276, e BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 199-200.

<sup>39</sup> BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: a biography*, p. 296.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 302.

<sup>41</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 9-19.

O nazismo havia imposto uma ordem altamente ritualística sobre o povo germânico como um todo, usando bandeiras, flâmulas, uniformes, desfiles, filmes, músicas e rígida disciplina militar, sem mencionar o consequente assassinato ritual. O *Weltanschauung* de Hitler não foi construído unicamente sobre uma visão política. Era religioso no sentido mais pernicioso que se pode imaginar. O retrato mítico de um Estado paradisíaco caracterizado pela linhagem ariana pura, a idéia de uma “queda” ligada de maneira muito próxima à raça judia, a idéia de reconstrução genética e a gloriosa culminação escatológica do Terceiro Reich constituíam um perverso *Heilsgeschichte*, no qual Hitler ascende como salvador deificado do povo alemão. (...) Contrário à doença desse ritual (...), Bonhoeffer respondeu com a cura apropriada... (...) De fato, comparada às regras beneditinas e franciscanas, a ordem ritual de Finkenwalde era qualquer coisa, menos algo severo. No contexto do protestantismo alemão, porém, ela foi singular. Em sua ilegalidade, tornou-se um tipo de resistência litúrgico-ritual ou, talvez, até mesmo uma traição litúrgica. (...) A igreja verdadeira não poderia sustentar-se moralmente alimentando-se da esparsa dieta de encontros semanais. Sua preservação viria por meio da imersão diária em rituais e símbolos que inculcassem profundamente o ponto de vista cristão.<sup>42</sup>

A partir das experiências nesse seminário, foram escritos em 1937 e 1938 os livros *Discipulado (Nachfolge)* e *Vida em Comunhão (Gemeinsames Leben)*. Quando o seminário foi fechado, todos os alunos de Bonhoeffer foram obrigados a se alistar nas forças armadas alemãs. Como eram membros da Igreja Confessional, só poderiam servir em unidades na linha de frente, sendo que muitos dos que serviram no exército foram enviados para o front leste, morrendo na guerra.<sup>43</sup> De acordo com Bethge, “mais de 80 dos 150 estudantes de Finkenwald foram mortos em ação”.<sup>44</sup>

Em fevereiro de 1938 as forças armadas alemãs anexaram a Áustria, em outubro elas marcharam sobre a Tchecoslováquia e em novembro ocorreu a infame “Noite dos Cristais” (*Kristallnacht*), quando sinagogas, lojas e casas foram destruídas numa onda de violência contra os judeus.<sup>45</sup> Depois de alguns

<sup>42</sup> SLANE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir*. São Paulo: Vida, 2007, p. 376-377.

<sup>43</sup> Para uma história abrangente e bem escrita de quão terrível foi a guerra no front leste, cf. WINCHESTER, Charles. *Ostfront: Hitler's war on Russia 1941-45*. Botley, Oxford: Osprey, 2000.

<sup>44</sup> BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: a biography*, p. 691. Por outro lado, ser convocados para servir nas forças armadas alemãs tornou-se um abrigo para membros e pastores da Igreja Confessional por elas serem uma proteção contra as investidas da Gestapo. Ainda assim, eles eram imediatamente desqualificados para servirem como capelães militares, e, em muitos casos, também para o oficialato. Normalmente, os cristãos confessantes eram enviados diretamente para as unidades de infantaria, o que talvez explique a alta taxa de mortalidade entre estes – metade dos pastores confessantes convocados morreu no campo de batalha. Cf. BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 158-166.

<sup>45</sup> Naquele ano, em grande parte por causa da fraqueza das democracias ocidentais, a resistência alemã perdeu a melhor chance de interromper o caminho para a guerra, depondo Hitler na véspera da conferência de Munique, em setembro de 1938. Cf. PARSSINEN, Terry. *A conspiração Oster*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

meses nos Estados Unidos, Bonhoeffer voltou à Alemanha em 1939, quando se tornou agente duplo da Abwehr (Serviço Secreto das Forças Armadas), dirigida pelo almirante Wilhelm Canaris, unindo-se à resistência alemã. Neste mesmo ano, em 1º de setembro, a Polônia foi invadida pelas forças armadas alemãs, tendo início a Segunda Guerra Mundial na Europa.

Em 1940 Bonhoeffer foi designado para o escritório da Abwehr em Munich, época em que começou a escrever *Ética* (Ethik), quando hospedado no mosteiro beneditino de Ettal. Em 1941 ele viajou duas vezes para a Suíça, para mediar contatos entre a resistência e as igrejas ocidentais. Ao retornar à Alemanha, foi proibido de escrever. Em 1942 ele viajou para a Noruega, Suécia e Suíça para, em nome da resistência, manter contato com os aliados ocidentais. Inesperadamente, em 5 de abril de 1943, a Gestapo o deteve. Em todo esse tempo Bonhoeffer nunca vacilou em sua oposição cristã contra o regime nazista – o que acarretou prisão em Berlin-Tegel, perigo para sua própria família e, finalmente, a morte – por seu envolvimento na Operação Valquíria (*Unternehmen Walküre*), em 20 de julho de 1944.<sup>46</sup> Seu comprometimento com a resistência é evidenciado no que ele disse para sua cunhada, Emmi: “Se eu vejo um louco dirigindo um carro na direção de um grupo de pedestres inocentes, não posso, como cristão, simplesmente esperar pela catástrofe para, depois, consolar os feridos e enterrar os mortos. Devo tentar lutar para tirar o volante das mãos do motorista.”<sup>47</sup>

Vítima de um dos últimos atos de vingança de Hitler, Bonhoeffer e vários colegas da resistência – Oster e Canaris, entre outros – foram enforcados em 9 de abril de 1945, no campo de concentração de Flossenbürg, a um mês da rendição alemã. Era o cumprimento do que ele sempre crera e ensinara: “O sofrimento é, pois, a característica dos seguidores de Cristo. O discípulo não está acima do seu mestre. O discipulado é ‘passio passiva’, é sofrimento obrigatório. (...) O discipulado é união com Cristo sofredor. Por isso nada há

<sup>46</sup> É interessante notar que o impulso para o atentado contra Hitler em 20 de julho de 1944 veio de militares católicos. Como o coronel Claus von Stauffenberg afirmou ao capitão Axel von dem Bussche: “Evidentemente que nós, católicos, temos uma postura diferente, porque, na Igreja católica, há uma espécie de acordo implícito que pode justificar um atentado político em condições específicas. Nisso, a doutrina evangélica é mais estrita, mas Lutero também permitiu o uso último da violência em uma situação extrema”. Cf. KNIEBE, Tobias. *Operação Valquíria*. São Paulo: Planeta, 2009, p. 159. Para uma defesa do tiranicídio e as condições para tal na tradição católica, cf. TOMÁS DE AQUINO, *Segundo Livro das Sentenças*, 44.2.2: “Quem mata um tirano para libertar o seu país é honrado e recompensado”. Cf. também *De Regimine Principum* I.1, c. 9 e *Suma Teológica*, III, q. 42 a.2 c. A história da Operação Valquíria é contada em detalhes em MANVELL, Roger; FRAENKEL, Heinrich. *Os homens que tentaram matar Hitler*. Rio de Janeiro: Difel, 1966.

<sup>47</sup> Emmi mencionou esse argumento em uma entrevista no documentário *Dietrich Bonhoeffer: Memories and Perspectives*, lançado em DVD pela Trinity Films. Bonhoeffer também usou esse argumento na prisão de Berlin-Tegel com um militar italiano, Gaetano Latmiral, que depois da guerra fez referência a esta imagem em carta enviada para Gerhard Leibholz. Cf. BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: a biography*, p. 851.

de estranho no sofrimento do cristão, antes é graça, é alegria”.<sup>48</sup> Suas últimas palavras registradas antes de ser enforcado foram: “É o fim, mas para mim é o início da vida”. Seu irmão Klaus e dois cunhados, Hans von Dohnanyi e Rüdiger Schleicher, também foram executados por estarem ligados à resistência alemã.

Assim, ao contrário do que afirma Steigmann-Gall, encontramos dentro da igreja evangélica alemã uma resistência que foi teológica e política, em Barth, mas especialmente em Bonhoeffer. Porém, avançamos além do que foi proposto. Como foi visto acima, 1937 é o ano que marca a mudança fundamental na relação da cúpula nazista com a igreja evangélica. Este foi o clímax do confronto entre a Igreja Confessional e os “cristãos alemães”. A partir deste ano, estes caíram em desgraça no partido. E com o impasse de não conseguirem criar uma única igreja protestante no Reich, os líderes nazistas perderam o interesse pelo protestantismo. Com isto, a relação do partido com a Igreja Confessional tornou-se mais tensa, com mais alistamentos obrigatórios, prisões e supressão de várias das liberdades e prerrogativas, inclusive o sustento pastoral.<sup>49</sup> Especialmente com o começo da Segunda Guerra Mundial, os nazistas saíram em massa da igreja evangélica, no movimento conhecido como “o abandono da igreja” (*Kirchenaustritt*), quando a cúpula do partido percebeu que o protestantismo seria uma cosmovisão concorrente, e não uma estrutura subordinada ao partido. Nesta mesma época, os paganistas nazistas conquistaram a hegemonia ideológica no partido.

## 6. AVALIAÇÕES E CONCLUSÕES

O alvo deste artigo não é apenas relembrar a história da Igreja Confessional, mas aprender com ela. Como avaliar e o que aprender da “disputa pela igreja”, especialmente no período que vai de 1933 a 1937?

Em primeiro lugar, é necessário afirmar que a mudança da mensagem evangélica operada pelos “cristãos alemães” foi uma heresia que escancarou as portas da Alemanha para o paganismo. Neste sentido, a apropriação do protestantismo liberal por líderes do partido nazista que se afirmavam “cristãos positivos” foi uma profunda distorção da mensagem cristã. O movimento dos “cristãos alemães”, dependente da teologia liberal protestante, era um movimento herético, e foi corretamente rejeitado pela Igreja Confessional, que se percebia como a única igreja verdadeira na Alemanha, nos anos críticos de 1933-1945.

Em segundo lugar, devemos lembrar que a teologia de Agostinho exerceu imensa influência sobre a cristandade por quase oitocentos anos; a de Tomás de Aquino por cerca de quinhentos anos; e a de João Calvino, por trezentos

<sup>48</sup> BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 46.

<sup>49</sup> Para os sofrimentos da Igreja Confessante no período que vai de 1939 a 1945, cf. BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 74-103, 155-193.

anos. Porém, nos dois últimos séculos, surgiram várias correntes teológicas, que em maior ou menor grau, têm tentado competir com os sistemas ortodoxos, mas sem conseguir ampla aceitação, além de terem pouca duração. Por que a teologia de Barth e Bonhoeffer e o interesse por eles, que testemunharam do evangelho com tanta coragem na “disputa pela igreja”, entraram em declínio ou foram reinterpretadas depois da Segunda Guerra Mundial? A sugestão que fazemos é que tal transitoriedade reside justamente na falta de uma firme base epistemológica, a revelação de Deus nas Escrituras infalíveis, dadas objetivamente para todos os homens e mulheres. Este perigo já está presente na primeira tese de Barmen, onde se tem uma distinção artificial entre Cristo e as Escrituras, na qual “Jesus Cristo, tal como nos atestam as Santas Escrituras, é a única Palavra de Deus”. Neste sentido, a Declaração Teológica de Barmen foi uma expressão da teologia de Karl Barth, onde Cristo é a palavra revelada, e a Escritura a palavra escrita que na pregação torna-se palavra anunciada e viva, sendo acessível mediante um ato da fé. Muitos luteranos confessionais não aderiram à Igreja Confessante em parte por conta da influência da teologia de Barth sobre o movimento.

Pensando estritamente em termos políticos, este problema epistemológico talvez explique a inocência e o acanhamento com que Barth, durante a Guerra Fria, tratou do totalitarismo comunista, o que gerou uma amarga controvérsia com Emil Brunner e Reinhold Niebuhr – e não podemos perder de vista que comunismo e nazismo são gêmeos heterozigotos, as duas ideologias mais devastadoras da história.<sup>50</sup> Mas, neste contexto, é preciso mencionar mais uma questão. Ao participar de uma acalorada reunião com a presença de teólogos “cristãos alemães”, em Berlim, em janeiro de 1934, Barth se dirigiu a eles aos gritos, como a hereges: “Vocês têm uma fé diferente, um espírito diferente, um Deus diferente”.<sup>51</sup> Por isto, mesmo discordando da interpretação que Barth

<sup>50</sup> Cf. BESANÇON, Alain. *A infelicidade do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Esta incapacidade de discernir a malignidade do comunismo torna-se trágica quando se toma conhecimento do terror que era viver nos países do leste europeu no pós-guerra, especialmente na extinta República Democrática da Alemanha. Para as ações de infiltração da Stasi na RDA, que se estenderam às igrejas luteranas, um dos poucos lugares de refúgio para dissidentes, cf. TAYLOR, Frederick. *Muro de Berlim*. São Paulo: Record, 2009, onde o autor documenta o esforço daquela agência de espionagem em cooptar membros e ministros da igreja luterana para servir como informantes, num tempo quando qualquer palavra contra o regime da RDA poderia implicar em prisão e até morte. O excelente filme *A vida dos outros*, ganhador do Oscar de melhor filme estrangeiro em 2006, serve de poderosa ilustração deste período doloroso da história da Alemanha. Cf. também a *Declaração de Praga*, preparada em 3 de junho de 2008 na conferência “Consciência Européia e o Comunismo” por vários intelectuais europeus, e que condena o comunismo por crimes contra a humanidade. Disponível em: <http://praguedeclaration.org/>; acesso em: 12 mar 2010.

<sup>51</sup> Cf. BUSCH, *Karl Barth: His life from letters and autobiographical texts*, p. 242. Entre os teólogos “cristãos alemães” presentes na reunião, estavam Friedrich Gogarten e Gerhard Kittel, que pediram que Barth demonstrasse um pouco de “amor cristão”!



ofereceu de alguns temas teológicos (*loci*), precisamos afirmar: aqueles que abraçam o liberalismo teológico supondo usá-lo não entenderam seu legado nem as etapas de seu pensamento. O mesmo pode ser dito sobre Bonhoeffer, que na época do Sínodo de Dahlem, em outubro de 1934 ousadamente afirmou: “Quem rompe com a Igreja Confessante separa-se da salvação”.<sup>52</sup> De acordo com Bethge, intérpretes posteriores do mártir falharam em manter uma continuidade entre seus escritos mais antigos e suas cartas da prisão, além de abusarem de suas idéias “no interesse do marxismo”, citadas em metodologias teológicas tão díspares como as teologias da libertação latino-americanas e as teologias da morte de Deus anglo-saxãs.<sup>53</sup>

Em terceiro lugar, um dado constrangedor que aparece na “disputa pela igreja” é a falta de uma condenação mais vigorosa do anti-semitismo – sendo uma das poucas exceções a postura e o discurso de Bonhoeffer sobre “A igreja e a questão judaica”. A postura da igreja evangélica alemã na defesa dos judeus foi confusa, ambivalente e intimidada pela pressão nazista. Niemöller pregando em 1945, olhando em retrospecto, afirmou:

Em 1933, e nos anos seguintes, havia aqui na Alemanha catorze mil pastores evangélicos e um grande número de paróquias. (...) Se no início da perseguição aos judeus tivéssemos percebido que era o Senhor Jesus Cristo quem estava sendo perseguido, atacado e chacinado no “mais humilde desses nossos irmãos”; se tivéssemos sido fiéis e confessado seu nome, por tudo que sei, Deus teria ficado do nosso lado e toda a sequência de eventos teria tomado um rumo diferente.<sup>54</sup>

O que teria acontecido se os bispos luteranos moderados tivessem usado sua influência, não apenas para preservar a liberdade de suas igrejas, mas para conduzir os evangélicos na oposição ao partido nazista ou – como sugeriu Niemöller – no apoio aos judeus?<sup>55</sup>

<sup>52</sup> BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 96-97.

<sup>53</sup> DE GRUCHY, John W. *Daring, Trusting Spirit: Bonhoeffer's Friend Eberhard Bethge*. Minneapolis: Fortress, 2005, p. 132. Cf. Christian Gremmels, Eberhard Bethge e Renate Bethge, Posfácio dos editores, em Dietrich Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, p. 590-599, e BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: a biography*, p. 853-891.

<sup>54</sup> RAUSCH, David A. *A legacy of hatred*. Chicado: Moody, 1984, p. 169, citado em LUTZER, *A cruz de Hitler*, p. 190.

<sup>55</sup> Nesta época, segundo dados da própria Igreja Evangélica alemã, havia cerca de um milhão e meio de judeus convertidos ao cristianismo na Alemanha, sendo que 88% destes eram protestantes. A maioria deles morreu nos campos de concentração no leste europeu. Vários membros da igreja confessante se arriscaram para denunciar o anti-semitismo e ajudar os judeus a escaparem da Alemanha, entre eles Franz Kaufmann (morto em fevereiro de 1944 no campo de Sachsenhausen), Heinrich Grüber (preso em 1940 por dirigir um escritório para ajudar judeus perseguidos a fugir do país), Helene Jacobs (presa em 1943), Marga Meusel, Elisabeth Schmitz e Gertrud Staewen. Por causa do Parágrafo Ariano, alguns ministros foram obrigados a fugir da Alemanha, entre eles Franz Hildebrandt (conseguiu emigrar para a Inglaterra em 1937) e Hans Ehrenberg (preso em 1938 no campo de Sachsenhausen, conseguiu emigrar para a Inglaterra em 1939). Cf. BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 122-154.

Em quarto lugar, os eventos ligados à “disputa pela igreja” são o exemplo mais evidente de uma identificação precipitada dos eventos históricos com a vontade de Deus, por meio do endosso dos “cristãos alemães” às ações de Hitler, considerando-as uma revelação de Deus na história. Como o Conselho Fraternal (*Bruderrat*) da Igreja Confessional colocou no crítico ano de 1937: “Hoje a igreja é convocada para permitir que a Palavra de Deus e um ponto de vista humano se unam e para combiná-los na sua prece. É preciso que a igreja rejeite essa exigência”.<sup>56</sup> Isto deve nos alertar que quando uma igreja perde de vista a necessária separação do Estado, e quando identifica certa ideologia com o reino de Deus, ela trairá miseravelmente seu chamado. O julgamento de Deus sobre esta igreja será severo e justo.

Em quinto lugar, numa situação limite, como a vivida pela Igreja Confessional, não importa uma aparente unidade da igreja, mas o cerne da fé evangélica. Dois modelos eclesiais foram testados neste período. E foi a partir da tradição reformada que nasceu não apenas um movimento de contestação, mas uma igreja verdadeira. “A força profética de alguns, e de Barth em particular, fez compreender às comunidades confessionais que, além das estruturas e das instituições, encontravam-se verdades evangélicas que era proibido calar ou apenas cochichar. Os reformados estavam mais bem preparados para ouvirem esta mensagem que os luteranos, presos aos seus bispos e a uma concepção de Igreja afastada das preocupações sociais”, e subserviente ao Estado.<sup>57</sup> A fé reformada só reconhece a Deus como o único soberano e senhor de todas as esferas da criação. Qualquer ser humano ou partido que tente exigir culto no lugar do Criador deve ser resistido e confrontado. A rebelião contra os tiranos é um ato de obediência a Deus.

Em sexto lugar, a história do confronto da igreja com o nazismo ensina mais uma vez que Deus purifica sua igreja por meio da perseguição. A partir do retorno às Escrituras, às confissões da Reforma e à pregação bíblica, os evangélicos alemães aprenderam a resistir à falsa religião e a um governo demoníaco. Por outro lado, é melancólico que a “disputa pela igreja” não produziu uma verdadeira igreja confessional na Alemanha. Ainda que o movimento confessional tenha tido relativa influência no pós-guerra, hoje as igrejas luteranas e reformadas alemãs oferecem uma caricatura do que confessaram durante a Reforma e em Barmen.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> BECKMANN, Joachim (Org.). *Kirchliches Jahrbuch für die evangelische Kirche in Deutschland 1933-1945*. Gütersloh: Bertelsmann, 1948, p. 163-164.

<sup>57</sup> CORNU, Karl Barth, *teólogo da liberdade*, p. 201. Para um estudo sobre as relações entre igreja e Estado na tradição reformada, cf. BUSCH, Eberhard. *Igreja e política na tradição reformada*. In: MCKIM, Donald (Org.). *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1998, p. 160-175.

<sup>58</sup> Cf. PEET, Garnet, *The Protestant churches in Nazi Germany* (editado por F. G. Oosterhoff), em *Spindle Works*. Disponível em: <http://spindleworks.com/library/peet/german.htm#3r>. Acesso em: 12 mar 2010.

Mas, no fim, como Karl Barth afirmou: “Proporcionalmente à sua função, a igreja possui motivos suficientes para se envergonhar de não ter feito mais. Entretanto, em comparação com os outros grupos e instituições, ela não possui qualquer motivo de vergonha; realizou mais do que todos os outros juntos”.<sup>59</sup> Por isto, aqueles que hoje visitam o Centro Memorial da Resistência Alemã, no Bendlerblock, em Berlin, encontrarão uma sala onde, no prédio que homenageia aqueles que resistiram ao nazismo na Segunda Guerra Mundial, são honrados Barth, Bonhoeffer, Niemöller e Schneider.<sup>60</sup> É apropriado terminar citando a Declaração de Culpa de Stuttgart (*Stuttgarter Schuldbekentnis*) que a Igreja Evangélica da Alemanha (*Evangelische Kirche in Deutschland*) reconstituída preparou em 19 de outubro de 1945:

Por nossa causa incalculável sofrimento foi infligido a muitos povos e nações. (...) Lutamos por muitos anos em nome de Jesus Cristo contra o espírito que encontrou terrível expressão no violento regime nacional-socialista, mas nos acusamos por não haveremos confessado mais corajosamente, não haveremos orado com mais fé, não haveremos crido com maior alegria e não haveremos amado mais apaixonadamente. (...) Assim, suplicamos a Deus, em um tempo em que o mundo inteiro necessita de um novo começo: *Veni creator Spiritus!*<sup>61</sup>

## ABSTRACT

In the public perception, it is assumed that the Nazi ideology was entirely pagan and definitely unchristian. However, in his work *The Holy Reich*, Richard Steigmann-Gall demonstrates the use of a liberal theological discourse, bred in an anti-Semitic context, by the chief Nazi leaders, especially in the period 1933-1937, when they tried to take control of the German Evangelical Federation of Churches through the promotion of a “positive Christianity” defended by the “Christian Germans”. As a reaction to such totalitarian intervention in

<sup>59</sup> COCHRANE, *The Church's Confession Under Hitler*, p. 41, citado em LUTZER, *A cruz de Hitler*, p. 198.

<sup>60</sup> Paul Schneider, pastor da Igreja Evangélica Unida na Prússia, foi preso em 1934 por pregar exclusivamente a mensagem evangélica num enterro de um membro da *Hitler Jugend*; em 1935, por ler do púlpito críticas ao partido nazista; e em 1937, por ter, com o apoio dos presbíteros das comunidades que pastoreava em Dickenschied e Womrath, excluído membros ligados ao partido nazista. Ele foi preso mais uma vez em fins de 1937, sendo enviado para o campo de Buchenwald, onde foi assassinado em 1939. Seu funeral foi ocasião de um protesto contra o nacional-socialismo. Cf. STEPHENS, Don. *War and grace: short biographies from the world wars*. Durham, England: Evangelical Press, 2005, p. 45-63. Schneider não é mencionado nem uma única vez no livro de Steigmann-Gall.

<sup>61</sup> O texto integral se encontra em BARNETT, *For the Soul of the People*, p. 209. Cf. também BESSEL, Richard. *Alemanha, 1945: da guerra à paz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 303-305. Os membros do Concílio que preparam esta Declaração foram os bispos Theopil Wurm, Hans Meiser e Otto Dibelius, os superintendentes eclesiásticos Hans Lilje, Hugo Hahn e Heinrich Held, os pastores Hans Asmussen, Martin Niemöller e Wilhelm Niesel, e o presbítero Gustav Heinemann, que seria presidente da República Federal da Alemanha entre 1969 e 1974.

the ecclesiastical realm, the Confessing Church (Bekennende Kirche) was formed, which in turn generated the "fight over the church" (Kirchenkampf). During that time, Martin Niemöller and Karl Barth played a leading role. Dietrich Bonhoeffer also played a central role in those events as he attacked anti-Semitism, trained preachers for the Confessing Church, and finally got involved in the military resistance to Nazism. The article also deals with two documents of that time which are crucial for the study of the relationship of church and state – "Theological Existence Today" and the "Theological Declaration of Barmen".

### **KEYWORDS**

Nazism; Theological liberalism; Two kingdoms; Neo-orthodoxy; The Holocaust; Karl Barth; "Theological Existence Today"; "Theological Declaration of Barmen"; Dietrich Bonhoeffer; Operation Valkyrie.